

Um
mundo de
oportunidades

Volume 8
Origem: animal

AGRO INSIGHT



Institucional

LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA

Presidente da República

CARLOS HENRIQUE BAQUETA FÁVARO

Ministro de Estado da Agricultura e Pecuária

IRAJÁ REZENDE DE LACERDA

Secretário-Executivo do Ministério da Agricultura e Pecuária

GUILHERME CAMPOS JÚNIOR

Secretário de Política Agrícola do Ministério da Agricultura e Pecuária

CARLOS GOULART

Secretário de Defesa Agropecuária do Ministério da Agricultura e Pecuária

LUIS RUA

Secretário de Comércio e Relações Internacionais do Ministério da Agricultura e Pecuária

PEDRO ALVES CORRÊA NETO

Secretário de Inovação, Desenvolvimento Sustentável, Irrigação e Cooperativismo do Ministério da Agricultura e Pecuária

CARLOS ERNESTO AUGUSTIN

Assessor Especial do Gabinete do Ministério da Agricultura e Pecuária

CARLA MADEIRA GONÇALVES SIMÕES DOS REIS

Chefe de Assessoria Especial de Comunicação Social do Ministério da Agricultura e Pecuária

4ª edição. Ano 2025

Elaboração, distribuição, informações:

Ministério da Agricultura e Pecuária

Secretaria de Comércio e Relações Internacionais

Departamento de Promoção Comercial e Investimentos - DPR

Coordenação-Geral de Gestão dos Adidos Agrícolas

Endereço: Esplanada dos Ministérios, Bloco D - 3º andar, Sala 300

CEP: 70043-900 Brasília - DF

Tel.: (61) 3218-2821 e-mail: divulgacao.scri@agro.gov.br

Editorial:

Priscilla Burmann

João Huguenin

Coordenação:

Marcel Moreira

Carolina Eufemia Aquino de Sá

Ângela Pimenta Peres

Estella R. Borges de Brito

Jennifer Santos Costa

Jenny Silva Brito

Manoel Augusto Soares Junior

Filipe Guerra

Equipe técnica:

Carlos Vítor Muller

Eduardo Sampaio Marques

José Guilherme Tollstadius Leal

Adriano Perrelli Pestana de Castro

Luciana Pich Gomes

Andrea Claudia Parrilla

Daniela de Moraes Aviani

Sílvio Luiz Rodrigues Testaseca

Glauco Bertoldo

Nilton Antônio de Moraes

Paulo Márcio Mendonça de Araújo

Rodrigo do Espírito Santo Padovani

Leandro Diamantino Feijó

Jean Felipe Celestino Gouhie

Clóvis Augusto Versalli Serafini

Ricardo Zanatta Machado

Priscila Rech Pinto Moser

Rafael Mohana de Carvalho Refosco

Vanessa Medeiros de Jesus

Ana Lúcia de Paula Viana

Fabiana Villa Alves

Virginia Arantes Ferreira Carpi

Ângelo de Queiroz Maurício

Bruno Cavalheiro Breitenbach

Marlos Schuck Vicenzi

Fernanda Vanessa Mascarenhas

Magalhães

Marco Aurélio Pavarino

Dalci de Jesus Bagolin

Ellen Elizabeth Laurindo

Adriane Reis Cruvinel

Frederique Rosa e Abreu

Warley Efreim Campos

Márcio Rezende Evaristo Carlos

Marco Túlio Santiago

Luiz Cláudio de Santana e Caruso

Rafael D'Aquino Mafra

Ana Carolina Miranda Lamy

Diego Leonardo Rodrigues

Juliano Vieira

Leandro Antunes

Permitida a reprodução sem fins lucrativos, parcial ou total, por qualquer meio, se citada a fonte e o sítio da Internet onde pode ser encontrado o original (www.gov.br/agricultura).

Catálogo na Fonte

Biblioteca Nacional de Agricultura – BINAGRI

Resumo

O AgrolInsight nasce do compromisso do Ministério da Agricultura e Pecuária com o fortalecimento da presença do agronegócio brasileiro no mercado internacional.

Desenvolvido pela Secretaria de Comércio e Relações Internacionais (SCRI), com apoio dos adidos agrícolas presentes em 38 países, o material reúne análises estratégicas e oportunidades de negócios para produtores, exportadores e associações setoriais que buscam crescer de forma competitiva e sustentável.

Com base nas diretrizes do ministro Carlos Fávaro e sob a liderança do secretário Luis Rua, o AgrolInsight é resultado do esforço de uma equipe dedicada que acredita no potencial do Brasil como potência agroexportadora.

Este relatório é mais do que um compilado de dados — é uma ponte entre o agro brasileiro e o mundo.



PEIXES E DERIVADOS

Data: 15/08/25

Posto: Adis Abeba/ Etiópia

Palavras-chave: Etiópia. Pescado. Tilápia. Sardinha. Agroindústria. Cooperação.

Responsável: Fabiana Villa Alves

SUMÁRIO:

O mercado de peixes na Etiópia tem crescido a partir da pesca continental em lagos e reservatórios, embora ainda marcado por baixa produtividade, limitações logísticas e baixo consumo per capita. A urbanização e a mudança de hábitos alimentares vêm ampliando a demanda, sobretudo em Adis Abeba. Apesar de recursos hídricos abundantes, a produção local não supre o mercado, abrindo espaço para importações. Nesse cenário, o Brasil pode se posicionar como fornecedor competitivo de peixe congelado, derivados processados e insumos para aquicultura. Além do comércio direto, destacam-se oportunidades de cooperação tecnológica em manejo, nutrição e sistemas de cultivo, reforçando a segurança alimentar etíope e a presença estratégica do Brasil no setor.

CONTEXTO ATUAL

O consumo de peixe na Etiópia tem raízes históricas, associado inicialmente à pesca artesanal e de subsistência. Até a década de 1990, a atividade era voltada sobretudo ao consumo local, passando gradualmente a ganhar caráter comercial, especialmente nos lagos do Vale do Rift. Por ser um país sem acesso ao mar, a produção pesqueira etíope concentra-se exclusivamente em ambientes continentais — lagos, rios, córregos, reservatórios e extensas áreas úmidas — que representam não apenas uma relevante fonte alimentar, mas também patrimônio socioeconômico, ecológico e científico. Com uma biodiversidade composta por espécies nilo-sudânicas, da África Oriental e endêmicas, a Etiópia dispõe de expressivo potencial pesqueiro, ainda explorado de forma limitada em relação à sua capacidade.

Do ponto de vista do comércio exterior, esse cenário abre oportunidades, especialmente para o Brasil, cuja expertise na produção e exportação de pescado e produtos derivados, incluindo tilápia, salmão e camarão processado, é reconhecida internacionalmente. Além disso, a crescente urbanização etíope e o aumento da renda per capita indicam expansão da demanda por proteínas de alto valor nutricional, criando espaço para a introdução de produtos brasileiros. Ademais, as recentes tarifas majoradas pelos Estados Unidos sobre pescado importado e a necessidade de redirecionamento dos fluxos globais de oferta para mercados alternativos, entre eles a África, abriram espaço para que países como o Brasil ampliem suas exportações, aproveitando a demanda crescente por produtos pesqueiros de qualidade e consolidando novas parcerias comerciais na região.

A Etiópia apresenta um consumo de pescado historicamente baixo, reflexo de fatores culturais, logísticos e de disponibilidade de proteína animal. Entretanto, observa-se um aumento na demanda, especialmente nos centros urbanos, como Adis Abeba, onde a crescente classe média, aliada à expansão do setor HORECA (hotelaria, restaurantes e catering), pressiona o mercado por maior oferta e variedade de produtos.

A estrutura logística também tem avançado no país. O corredor Djibouti–Adis Abeba conta, desde 2022, com serviços de cadeia fria ferroviária, além de investimentos em armazenagem frigorificada no Porto seco de Modjo, o que amplia a viabilidade da importação de peixes congelados e até de filés refrigerados para nichos premium, antes considerados inviáveis.



Figura 1. Atum em lata proveniente da Somalilândia, comercializado em supermercado de Adis Abeba. Fonte: <https://www.somalilandcurrent.com/berberas-tuna-industry-expands-to-meet-ethiopias-growing-fish-demand/>

MERCADO NACIONAL E OPORTUNIDADES PARA O BRASIL

A produção pesqueira da Etiópia é estimada em 65–70 mil toneladas/ano, embora se acredite que seu potencial produtivo ultrapasse 90 mil toneladas, evidenciando déficit frente à demanda crescente no país. O consumo per capita de peixe (0,5–0,7 kg/ano) é muito inferior à média africana (10 kg/ano) e à recomendação da FAO (12 kg/ano), o que sinaliza amplo espaço de expansão.

Em termos de importações, a Etiópia ainda apresenta uma base reduzida, mas em franco crescimento para produtos ícticos. Segundo os dados mais recentes disponíveis, o País movimentou aproximadamente US\$26,5 milhões em importação de peixes e derivados em 2023 (Gráfico 1), principalmente do Vietnã, Emirados Árabes Unidos e África do sul. Destes, aproximadamente US\$ 287 mil em filés congelados, US\$ 202 mil em filés frescos/refrigerados, e mais de US\$ 21 milhões em preparações de carnes e peixes. O país também adquiriu derivados como farelo e óleo de peixe para ração animal, em um contexto de forte crescimento da avicultura nacional.

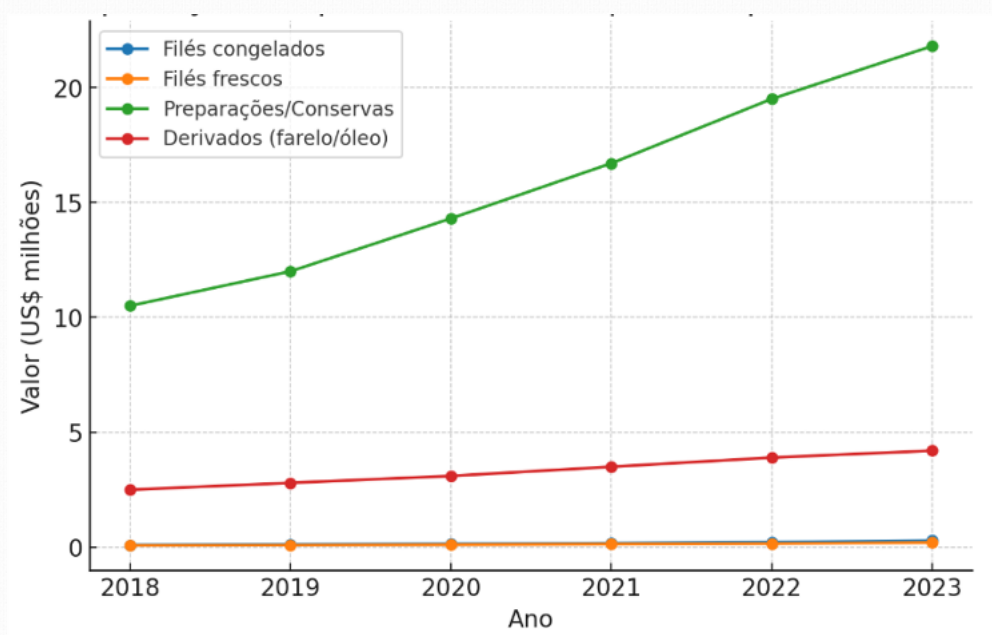


Gráfico 1. Evolução das importações de peixes e derivados pela Etiópia, no período de 2018 a 2023.

Do ponto de vista regulatório e tributário, a estrutura de custos para importação na Etiópia envolve custos fiscais relevantes. Sobre o valor CIF incidem, atualmente, VAT de 15%, surtax de 10%, retenção na fonte de 3% e taxas aduaneiras variáveis por subposição HS. Tal conjunto tributário encarece os produtos no varejo e exige planejamento cuidadoso de precificação por parte do exportador.

Embora a carga tributária seja elevada, há espaço competitivo para produtos brasileiros, especialmente quando comparados à oferta asiática, considerando qualidade, diversificação, confiabilidade e diversificação logística.

De um modo geral, as perspectivas de exportação brasileira de peixes e derivados para a Etiópia concentram-se em quatro frentes principais, quais:

1. Filés congelados: especialmente tilápia, já bem aceita no gosto local, e espécies de água doce, como tambaqui. O Brasil é referência global na produção de tilápia e dispõe de know-how consolidado em processamento, certificação sanitária e padronização de qualidade. A inserção no mercado etíope é vista especialmente como alternativa a fornecedores asiáticos, em um cenário de maior busca por diversidade de origens. Estima-se que a demanda anual do produto seja de 6.000 toneladas, com valor de exportação potencial de cerca US\$ 18 milhões/ano.

2. Filés frescos/refrigerados premium e produtos ready to eat: a cadeia HORECA etíope é consolidada e em constante busca por diversificação. A logística de cadeia fria aérea regular, hoje disponível, permite abastecer nichos de alto valor agregado, sobretudo em Addis Abeba.

3. Conservas e preparados (sardinha/atum): a tradição brasileira nesse segmento, com produtos de alta durabilidade, qualidade reconhecida e preços competitivos, poderiam compor o portfólio de supermercados, em atendimento tanto à consumidores urbanos de baixa renda quanto segmentos médios. Além do varejo, programas governamentais de abastecimento e iniciativas de segurança alimentar configuram-se como importantes canais de absorção desse tipo de produto. Estima-se uma demanda anual de 8.000 toneladas, com valor de exportação potencial de cerca US\$ 10 milhões/ano.

4. Derivados para ração (farelo/óleo de peixe): a rápida expansão da avicultura e da aquicultura na Etiópia tem elevado a demanda por insumos proteicos e energéticos de origem animal, tornando o farelo e o óleo de peixe componentes estratégicos das formulações de ração. O fornecimento brasileiro pode contribuir para diversificar as fontes atualmente disponíveis no mercado etíope, hoje altamente dependente de importações asiáticas, além de agregar valor pela regularidade de oferta e pela segurança sanitária reconhecida.

Além dos produtos mencionados, o Brasil pode explorar oportunidades na exportação de insumos estratégicos, como rações de alto desempenho, equipamentos de aeração, redes e sistemas de cultivo intensivo, equipamentos de processamento, bem como serviços, quais assistência técnica, programas de formulação de ração adaptada a matérias-primas locais, treinamento em boas práticas de manejo, e garantia de peças/equipamentos.

É importante destacar que, em contextos como o etíope, combinar oferta comercial com programas de cooperação técnica posiciona o Brasil como parceiro estratégico de longo prazo e aumenta sua competitividade, diferenciando-o de fornecedores já estabelecidos no país.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A combinação entre o redirecionamento de fluxos globais de pescado, o crescimento da demanda urbana na Etiópia e os avanços logísticos no corredor Djibouti–Adis Abeba abre uma oportunidade estratégica para o setor pesqueiro brasileiro.

O Brasil tem a vantagem de oferecer produtos com qualidade certificada, segurança sanitária e credibilidade de uma cadeia produtiva organizada.

O desafio central encontra-se na carga tributária em vigor no país e na escassez de divisas, que exigem negociações bem estruturadas e apoio de distribuidores locais capazes de operar cadeias frias.